

UNIVERSIDADE UNA
CURSO DE PSICOLOGIA

ANA CLARA VIEIRA
LARISSA OLIVEIRA SOUSA
RODRIGO ARRUDA VIEIRA

**OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID 19 NOS RELACIONAMENTOS
CONJUGAIS: UM DIÁLOGO ENTRE O DIVÓRCIO E O ISOLAMENTO SOCIAL**

Pesquisa

UBERLÂNDIA

2023

Ana Clara Vieira

Larissa Oliveira Sousa

Rodrigo Arruda Vieira

**OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID 19 NOS RELACIONAMENTOS
CONJUGAIS: UMA ANÁLISE ENTRE O DIVÓRCIO E O ISOLAMENTO SOCIAL**

Pesquisa

Centro Universitário UNA –
Campus Uberlândia como
avaliação parcial da disciplina
Trabalho de Conclusão de
Curso.

Orientador: Prof. Me. Heitor
Vicente

UBERLÂNDIA

2023

SUMÁRIO

1 Introdução.....	3
2 Objetivo da Pesquisa.....	4
2.1 Objetivo Geral.....	4
2.2 Objetivos Específicos.....	4
3 Referencial Teórico.....	4
3.1 Vínculos Afetivos.....	4
3.2 Relacionamentos Conjugais.....	8
3.3 A pandemia da COVID 19 no Brasil.....	11
4 Metodologia.....	13
5 Discussão.....	15
5.1 Isolamento social no contexto da conjugalidade.....	15
5.2 A relação entre a vulnerabilidade financeira e a relação conjugal.....	17
5.3 Vulnerabilidade das mulheres devido ao confinamento.....	17
5.4 A infidelidade devido a insatisfação do parceiro.....	19
6 Considerações Finais.....	19
Referências.....	22

1 INTRODUÇÃO

Durante a pandemia da COVID-19 que ocorreu no mundo a partir de dezembro de 2019, e no Brasil, de março de 2020 a maio de 2023, o país registrou um recorde de divórcios. Em 2021, o número de divórcios ultrapassou os 300 mil casos, sendo 16% maior do que no ano anterior (IBGE, 2021). Diversos motivos podem ter influenciado o término desses relacionamentos conjugais.

Como método de contenção da propagação do vírus, o governo federal instituiu o isolamento social. Com esse decreto, as relações de trabalho foram remodeladas para serem realizadas de forma remota, levando os casais a passarem mais tempo juntos. De certa forma, esse encontro mais intenso entre as famílias, segundo alguns autores (HOMEM, 2020; PENSO; SENA, 2020; LARTIGUE, 2020), provocou uma maior proximidade entre os casais. Com as obrigações de trabalho sendo realizadas em home office e o aumento do tempo disponível para estarem juntos, as famílias puderam observar situações relacionais que antes não eram percebidas devido à falta de tempo.

Para compreender os efeitos da pandemia nas relações conjugais torna-se crucial identificar os desafios que foram enfrentados, sendo necessário observar as mudanças que ocorreram nesse contexto com inúmeras incertezas. Uma vez que o casamento é uma instituição antiga, mas que se estrutura e acompanha os atravessamentos sociais e históricos, e o enfrentamento de um período pandêmico revela diferentes nuances que constituem as uniões conjugais.

Nunca antes, na história moderna, tantos casais enfrentaram uma situação em que a convivência diária, a negociação de espaço físico e emocional, bem como a administração de tensão externa, se apresentavam como desafios cotidianos. As rotinas cuidadosamente determinadas deram lugar à improvisação, à adaptação e, em muitos casos, à redescoberta do companheiro de vida.

A partir disso deve se levar em consideração os aspectos que circundam as relações conjugais como as situações econômicas e adversidades causadas pela pandemia, como o medo de ser demitido, ou nas famílias onde os pais são empreendedores como lidar com o fechamento forçado de suas pequenas empresas, em situações de trabalhos autônomos a falta de possibilidade de trabalho.

Sendo assim, foi realizado levantamento bibliográfico nas seguintes bases de dados: Scielo, LILACS, PePSIC, Pubmed e ScienceDirect a fim de coletar e analisar informações sobre as relações conjugais, bem como referenciais teóricos que norteassem a pesquisa. Foi usado como critério de inclusão artigos publicados entre o período de 2020 e 2023 com utilizando os descritores pandemia e conjugabilidade, divórcio, e isolamento social, e fatos catastróficos.

Durante esse estudo focamos em pesquisar as principais causas que aumentaram o índice de divórcios na pandemia. Isso propiciou que esses casais tivessem uma maior observância das escolhas feitas, dos acordos estipulados, de suas próprias limitações e das falhas do outro, também foi possível visualizar novas formas de interpretar e promover a saúde mental conjugal em decorrência dos fatos catastróficos ou da aproximação excessiva.

2 OBJETIVOS DA PESQUISA

2.1. Objetivo Geral

Compreender os impactos da pandemia da COVID 19 nos relacionamentos conjugais.

2.2. Objetivos Específicos

Compreender como a COVID 19 afetou a dinâmica relacional;

Avaliar possíveis relações entre o aumento do índice de divórcio no Brasil e o isolamento social em decorrência da pandemia;

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Vínculos afetivos

Estudos sobre vínculos afetivos têm se tornado frequentes em pesquisas no meio acadêmico, visto que essa vivência possibilita a atribuição de sentidos e significados que auxiliam no enfrentamento da vida cotidiana. Segundo Berenstein (1998, apud Almeida, 2014), a necessidade de experienciar vínculos afetivos é considerada um construto da subjetividade humana. Assim, para percorrer os diversos conceitos e teorias que explicam a formação dos vínculos afetivos, é necessário

explorar o terreno da infância, pois o vínculo afetivo se inicia a partir da relação entre o bebê e seus cuidadores.

Cancillier e Wronski (2020) explicam que, a partir dos cuidados com o bebê, o adulto proporciona à criança as condições necessárias para que ela se sinta segura e estimulada a se desenvolver nos aspectos físicos, cognitivos e emocionais. Segundo as autoras, o desenvolvimento emocional está intrinsecamente relacionado a esse vínculo permeado por afeto e cuidado, ou à ausência deles, o que impactará diretamente na construção da afetividade do sujeito na fase infantil, com resquícios que reverberarão na vida adulta.

Compreende-se, então, que é por meio da experiência intersubjetiva vivida com os cuidadores que o indivíduo é capaz de assimilar a presença ou ausência do outro, utilizando isso como construto para sua vida (Roussillon, 2008 apud CANCEILLIER E WRONSKI, 2020).

Brum e Schermann (2004) evidenciam a psicanálise como unânime no reconhecimento da relevância das primeiras relações na vida do bebê como parte do desenvolvimento humano. Mattos (2016) explica que na vida adulta reproduzimos de forma ativa o modo como fomos cuidados quando criança, já que essa experiência nos serve de padrão e fica registrado no psiquismo. Para melhor compreender sobre os vínculos afetivos na vida adulta, nos apoiaremos primeiro nas teorias freudianas que perpassam pelos conceitos dos investimentos libidinais, complexo de Édipo e narcisismo vividos no período da infância, mas que são marcadores para os significantes na vida adulta.

Para Freud (1914, apud Casadore e Hashimoto, 2012) é possível dar início ao vínculo afetivo nas relações parentais (ou com cuidadores substitutos), em que o sujeito inicia o investimento libidinal em si e em seguida no outro, através da chamada libidos do ego e libidos objetais. Ainda na infância, a criança atravessa o complexo de Édipo durante a fase fálica do desenvolvimento, postulado por Freud, em que o sujeito se interessa amorosamente pelo genitor do sexo oposto e desperta o sentimento de ódio pelo cuidador do mesmo sexo, podendo ocorrer também o investimento amoroso pelo genitor do mesmo sexo e ódio pelo de sexo oposto (MATTOS, 2016).

O rompimento deste período ocorre a partir do complexo de castração, que está relacionado ao medo da perda do falo para o menino, impulsionando-o a recuar o investimento amoroso na mãe. Já para a menina, a experiência do complexo de Édipo

é mais intensa, pois, pela ausência do pênis, ela utiliza o complexo da castração para alterar seu objeto de desejo, almejando agora ocupar o lugar da mãe e inaugurando o conflito edípiano, conforme explica Mattos (2016). Uma vez atravessada essa fase, após a elaboração do complexo de Édipo, ocorre o abandono dos objetos primários e realiza-se o processo de identificação com as figuras parentais, estabelecendo o modelo para o direcionamento do desejo em outros objetos na fase adulta (MATTOS, 2016).

Ressalta-se a fase do Édipo como um marcador fundamental constituinte do psiquismo do sujeito, além de possibilitar acesso à genitalidade, o indivíduo se vale da resolução do complexo para estabelecer a escolha do objeto fora da relação incestuosa, elucida Mattos (2016). A resolução edípica é que inaugura o investimento libidinal em objetos que não são os primários, e é a partir de então que fala-se sobre amor e ódio, já que a relação agora é completamente entre o ego e o objeto e não mais instintivo (FREUD, 1905, apud MATTOS, 2016).

Já em uma fase mais madura do desenvolvimento, Freud apresenta a ideia do amor narcísico e o amor anaclítico, sendo que ambos direcionam o desejo para a tentativa de recuperar o afeto que teve ou imaginava ter quando mais novo; sendo que no amor narcísico o indivíduo ama a reprodução que alguém faz da sua própria imagem, amando na verdade a si mesmo através do outro, e no amor anaclítico existe a percepção da existência do outro desde o início do vínculo (FREUD, 1914, apud CASADORE E HASHIMOTO, 2012).

Em seguida, é possível dar vazão a outra teoria de destaque que também aborda questões de vínculos afetivos, a teoria do apego, apresentada por Bowlby. Essa teoria teve sua origem inicialmente através de explicações biológicas acerca da função básica do apego, que seria a proteção contra predadores, principalmente em mamíferos, conforme Pontes et al. (2007). A teoria estabelece então que é parte natural do ser humano a busca por vínculos, expressa através de manifestações emocionais desde o nascimento, a fim de alcançar uma ligação emocional composta de cuidado e proteção. Essa ligação torna-se uma característica fundamental para o desempenho adequado da saúde mental e personalidade (BOWLBY, 1993, apud CANCEILLIER E WRONSKI, 2020).

Com isso, os primeiros vínculos afetivos entre o sujeito e seus cuidadores operam como fonte de conforto e segurança no enfrentamento de condições boas ou

estressantes, e posteriormente os modelos internalizados de regulação de emoções funcionarão como base para relações com outras pessoas na vida adulta. Existe a caracterização da relação de apego, em que quando a criança aprende expectativas sociais positivas ressalta-se a boa compreensão de trocas recíprocas quando adulta; já nas relações de apego inseguras, o sujeito não assimila o sentimento de segurança e valorização, evidenciando no futuro emoções como raiva e falta de empatia nos vínculos relacionais (BOWLBY, 1969, apud PONTES et. al., 2007).

Considerando o percurso durante o desenvolvimento para a criação dos vínculos afetivos e que tais vínculos compõem os relacionamentos da vida adulta, Berttran e Gomes (2013, apud Almeida, 2014) explicam o vínculo conjugal, que se origina de uma série de combinados que abarcam acordos conscientes e inconscientes, estabelecendo alianças psíquicas e questões intersubjetivas. É possível destacar as atividades que o aparelho psíquico dos indivíduos como constituintes do vínculo, que deve desempenhar para elaborar os mecanismos projetivos e processos de identificação existentes na vinculação (EIGUER, 2008, apud ALMEIDA, 2014)

Os relacionamentos amorosos requerem o vínculo afetivo, com isso, é estabelecido a existência de inúmeros fatores que estão associados aos sujeitos envolvidos: sua subjetividade, bem como individualidade, experiências, personalidade e etc. Diante das conexões vislumbradas, pode-se observar que diferentes aspectos podem influenciar ou impactar a qualidade das relações. É importante alcançar a compreensão sobre o que é considerado qualidade nas relações para melhor avaliar as variáveis que interferem nos relacionamentos e que podem causar a ruptura do vínculo afetivo.

Elucidar a qualidade nas relações é algo muito complexo, pois trata-se de um aspecto subjetivo. Ao longo do tempo, algumas teorias acerca do tema foram desenvolvidas, embora ainda não apresentem clareza teórica sobre a conjugalidade em si. No entanto, é possível destacar duas das teorias mais elucidadas, conforme explica Mosmann et al. (2006): a teoria da troca social e a teoria da crise.

Os autores elucidam sobre as teorias citadas, sendo que a primeira teoria postula que a interação dos sujeitos com o meio em que estão inseridos ocasionam uma série de desafios conjugais que implicam na capacidade de adaptação do casal, propiciando o ajustamento conjugal. Já a segunda destaca outro ponto além da

concordância com a teoria da troca social, que é o dinamismo do casal, os colocando como agentes ativos dentro da relação entre si e com o mundo (MOSMANN et. al., 2006).

A partir das teorias, ressalta-se que a satisfação com a qualidade conjugal pode estar diretamente ligada à capacidade do casal para enfrentar crises e situações adversas. Com a readaptação, é possível preservar, de certa forma, a estabilidade relacional, evitando a interferência de estressores no vínculo conjugal, como elucidam Mosmann et al. (2006). Reunindo as principais ideias relacionadas à construção dos vínculos afetivos, bem como seu funcionamento na vida adulta, e as teorias sobre a qualidade nas relações, é possível, a partir de então, elucidar sobre o estabelecimento e/ou rompimento das relações conjugais.

3.2 Relacionamentos Conjugais

O casamento é uma das instituições mais antigas do mundo. A união afetiva e matrimonial, como a conhecemos atualmente, teve origem no contexto da sociedade burguesa. No entanto, apenas adquiriu sua forma característica a partir do século XVIII, quando a dimensão da sexualidade passou a desempenhar um papel significativo dentro do casamento. Naquela época, o casamento não era um vínculo que consagrava um amor romântico entre duas pessoas. Era, na verdade, um acordo entre famílias, um contrato estabelecido por indivíduos que não buscavam prazer pessoal, mas sim agiam sob a orientação de suas famílias e visavam ao bem-estar destas.

A função primordial do casamento era estabelecer alianças que superavam a importância do amor e da sexualidade. A escolha e a paixão não eram fatores determinantes nessas decisões, considerando que a sexualidade para a reprodução era vista como parte intrínseca ao pacto estabelecido (ARAÚJO, 2001). Ao abordarmos o matrimônio, somos levados a considerar a prática monogâmica, uma configuração de abstenção mútua entre os parceiros em se relacionarem com outros indivíduos. De acordo com Amorim et al. (2017), essa forma de relacionamento está relacionada a dois afetos, destacados por Freud: o amor e o ciúmes. Essa prática se constitui como um arranjo afetivo, cuja principal característica é a exclusividade. "Tais afetos se encontram presentes em nossas primeiras relações objetais e, portanto,

constituem uma base importante para a formação de nossas personalidades e a orientação de nossos desejos."

Dentre as relações conjugais, é possível observar que a monogamia no Brasil é uma forma predominante de arranjo matrimonial. A partir disso, o questionamento da associação da monogamia à estruturação inata do ser deve ser questionada, uma vez que os seres humanos passam por, além da estruturação biológica, a estruturação cultural e social. Dessa forma, para Barash e Lipton (2007), não há indícios biológicos, primatológicos ou antropológicos de que a monogamia seja "natural" para os seres humanos. Pelo contrário, destacam evidências históricas de tendência a múltiplos parceiros sexuais.

Ainda sobre os aspectos das relações conjugais, Araújo (2013) discorre sobre a construção do conceito do casamento ao longo da história, bem como sua dissolução na contemporaneidade, esclarece sobre aspectos psicossociais ao longo do tempo que impactam diretamente no processo do relacionamento conjugal. A relação, de certa forma, exigia a construção de uma identidade conjugal, onde se compartilha experiências individuais, que vai se solidificando através de adaptações, interações e organização entre o casal para que se torne possível o enfrentamento de situações imprevistas (ARAÚJO, 2013).

Zordan (2010) constrói a ideia de que as características que moldam o conceito de união conjugal estão diretamente vinculadas ao contexto histórico levando em consideração o cenário político, econômico, social e religioso. A autora salienta ainda que existe uma fixação na ideia do amor romântico (que na prática é considerado utópico, já que se trata de um ideal) relacionado ao casamento até os dias atuais e que coexiste junta as possibilidades de estruturas conjugais que mudam ao longo da história. Além disso, é possível compreender a conjugalidade como uma tentativa de encontrar amparo e felicidade, considerando que se trata do início de uma família com possibilidade de reeditar experiências e construir uma estrutura capaz de influenciar gerações futuras (PICUS E DARE, 1981, apud ROLIM E WENDLING, 2013).

Kaës (2001, apud Souza, Almeida, Gomes, 2022) discorre sobre a constituição do sujeito e a relação dessa formação com o estabelecimento de vínculo afetivo conjugal, já que o indivíduo se constitui a partir de vínculos sociais e é através deles que ele se apropria de conceitos e padrões que antecedem a relação conjugal, mas que posteriormente aplica o que foi aprendido através de alianças inconscientes. Os

pactos estabelecidos com a pessoa escolhida se passam na instância inconsciente, mas dizem respeito a interesses em comum, que contribuem para o início e manutenção da relação. Para que se sustente a aliança firmada no inconsciente, os indivíduos se valem de mecanismo de defesa, para que consigam encobrir os conteúdos e impedir que venha à tona o material recalado que possui capacidade de ameaça à continuidade da relação (KAËS, 2014, apud SOUZA, ALMEIDA E GOMES, 2022)

Ainda segundo Kaës (2014, apud Souza, Almeida e Gomes, 2022), a forma de resolução de conflitos psíquicos estabelecido por alguns casais está no modo em como configuram seus pactos inconscientes, levando em consideração a eleição de um objeto em comum, em que os envolvidos acreditam ou fingem acreditar, para que seja possível sustentar o laço afetivo, firmando o acordo com uma crença em comum. Com o surgimento de uma adversidade que possui a capacidade de modificar ou trazer para a consciência a estrutura do acordo inconsciente, torna-se iminente o sentimento de angústia, e por consequência ocorre a alteração nas relações conjugais (KAËS, 2011, apud SOUZA, ALMEIDA E GOMES, 2022).

Levy e Gomes (2011) explanam sobre o relacionamento conjugal a partir dos laços e fantasias inconscientes, explicam que os sujeitos apresentam expectativas quanto a realização de seus desejos, supondo que o outro irá prontamente atender às suas necessidades e vice e versa. Considerando essa ideia, ainda que no começo de um relacionamento, embasado na expectativa e fantasia inconsciente, é comum que os sujeitos amplifiquem o que consideram qualidade no outro e desprezem ou estabeleçam critérios irrealistas de correção das características indesejáveis. Ao constarem as qualidades e defeitos do outro são inseparáveis, é comum que passe a existir o conflito na tentativa de atender as fantasias do início da relação e a compelir o outro a corresponder o pacto inconsciente na tentativa de firmar o relacionamento conjugal (LEVY E GOMES, 2011).

Outros aspectos são também construídos para sedimentar uma relação, como aponta Santos et. al. (2020), que enfatizam a comunicação e a saúde mental como exemplos de indicadores que afetam consideravelmente as relações. No que se diz respeito a comunicação no casamento, o objetivo não se resume a compartilhar informações, mas também a ocupar o lugar de escuta genuína, acolhendo inclusive a

comunicação não verbal, já a saúde mental individual se faz indispensável para que se alcance o reconhecimento da alteridade da relação (SANTOS et. al. 2020).

Diante do exposto é possível compreender que o cenário social, seja pelo contexto familiar ou da sociedade como um todo, exerce forte influência no entendimento, construção e manutenção de vínculos afetivos conjugais. Assim, quando ocorre uma mudança seja escala micro ou macro no cenário familiar ou mundial como o divórcio ou uma pandemia, fica evidente a necessidade de compreender o fenômeno, já que altera a estrutura e funcionamento dos relacionamentos conjugais.

3.3 A pandemia da COVID 19 no Brasil

No Brasil, o primeiro caso de COVID-19 foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020. Com o crescente número de contágios e o aumento no número de óbitos, constataram-se consideráveis desafios que os governantes e a população brasileira enfrentariam para estabelecer uma estratégia de combate ao vírus e sua rápida disseminação. Isso levando em consideração o grande contexto de desigualdade social, situações de aglomeração e desinformação presentes na estrutura da sociedade brasileira. Durante a pandemia, a desproteção social foi crescente, considerando as altas taxas de desemprego, a falta de confiabilidade nos dados estatísticos e as contraditórias recomendações em todos os níveis de governo (WERNECK E CARVALHO, 2020).

As chamadas *fake news* (falsas informações) foram indicadas como um dos principais fatores de agravamento no enfrentamento da pandemia, evidenciando o despreparo do governo e da população em cumprir com seriedade as medidas preventivas em uma situação de crise sanitária (Santana e Simeão, 2021). Ainda segundo os autores, o impacto da desinformação durante uma crise pandêmica é o aumento das incertezas que surgem sobre a eficácia das medidas de combate e sobre os planos de vacinação, o que afeta o controle da doença e a divulgação de informações oficiais.

O agravamento da situação enfrentada no Brasil durante o enfrentamento da COVID 19 foi amparada pelas autoridades governamentais, que na época incentivou o uso de medicação (cloroquina) mesmo não tendo sua eficácia comprovada cientificamente, além de menosprezar as medidas de proteção, ocasionando a propagação em massa dos sentimentos de desespero e desamparo, e também a

desorganização prática das ações de combate ao vírus como por exemplo o desabastecimento de equipamentos hospitalares (SANTANA E SIMEÃO, 2021)

Com todas as estruturas sociais sofrendo os efeitos da pandemia, os estudos sobre relacionamentos e fatores que influenciam na relação aumentaram após o ano de 2020, quando o cenário psicossocial mundial foi impactado, elevando consideravelmente o índice de medo, angústia, insegurança social e econômica. Durante um longo período de isolamento social, antes nunca experimentado pela maioria das pessoas, a dinâmica familiar e conjugal foi uma das estruturas que sofreu grandes consequências durante o período da COVID-19. Segundo pesquisa realizada pelo IBGE no ano de 2021, ainda vivendo com restrições devido à pandemia, o Brasil registrou 386,8 mil divórcios, um aumento de 16,8% em relação ao ano anterior.

É necessário analisarmos o contexto da pandemia de forma multifatorial, integrando aspectos políticos, sociais e econômicos. Os desacordos entre esferas nacionais do governo e organizações mundiais de saúde foram construtos que fizeram parte da realidade das famílias brasileiras com a COVID-19. O acesso à saúde para pobres, indígenas, negros, pessoas em situação de rua, mulheres e LGBTQIA+ se mostrou mais precário, enquanto a população rica sofreu menos impacto quanto a esse aspecto. Além de refletir em escala macro na sociedade, a pandemia provocou mudanças drásticas nos núcleos familiares e conjugais, o alto volume de óbitos diários, a fragilização da rede de apoio, o distanciamento social, e o enfrentamento do luto são fatores que a impactaram na qualidade de vida e de saúde da população (SILVA et. al., 2020).

O momento de pandemia pode ser visto como uma situação de crise, em que ocorre impactos desestabilizadores do psiquismo diante das diversas mudanças sociais e econômicas que obrigam a sociedade a se reorganizar e lidar com demandas inesperadas. De modo geral, as crises tendem a ser subjetivas, mesmo que o enfrentamento dos impactos de uma pandemia envolva a todos, e está diretamente ligada ao modo de como o psiquismo foi moldado para o enfrentamento de uma nova normalidade que apresenta sobrecarga emocional na maioria das pessoas. Frente a esse fenômeno, é possível compreender que uma crise mundial afeta o funcionamento do núcleo familiar e conjugal, haja vista que ocorre uma ruptura abrupta de uma estrutura já conhecida, impondo uma realidade diferente do usual que

demanda reorganização de rotina, adaptação e isolamento social (KERBAUY; BARTIOLLI; SNEIDERMAN, 2020)

A rápida contaminação do coronavírus e sua propagação pelo mundo foi o ponto de partida para um longo período de sofrimento físico e mental que alcançou a população mundial. Kerbauy, Bartilotti e Sneiderman (2020) elucidam sobre o sofrimento psíquico diante do contexto da pandemia, em que foi possível observar de forma generalizada sintomas como aflição severa, já que a situação ameaçava a integridade dos sujeitos, bem como disparava emoções como tristeza, anseio e sensação de impotência diante da própria vida. É possível analisar o cenário pandêmico através das formulações freudianas contidas no texto “O mal-estar da civilização”, datado em 1929, em que Freud (1929 p.303, apud KERBAUY; BARTIOLLI; SNEIDERMAN, 2020) discorre sobre os modos em que o sofrimento pode ameaçar a civilização, evidenciando entre elas as relações com outros seres humanos e enfatizando a que considera a forma de sofrimento mais dolorosa “(...) a insuficiência dos nossos métodos para regular as relações humanas na família, no Estado e na sociedade”.

Por mais de um ano, o mundo sofreu com os impactos de um vírus desconhecido, com capacidade letal e devastadora, forçando todos os indivíduos a enfrentar o medo da finitude, a incerteza de dias melhores, a perda de entes queridos, o luto e o afastamento social.

4 METODOLOGIA

A realização do presente projeto deu-se a partir de uma revisão sistemática da literatura. Scorsolini-Comin (2014) explica que a revisão sistemática utiliza um método de pesquisa conduzido por meio da síntese de resultados de estudos originais, quantitativos ou qualitativos. Tem por objetivo responder a uma pergunta específica, uma questão norteadora e de relevância para a área do conhecimento na qual se insere.

A revisão sistemática é uma técnica poderosa para sintetizar as evidências disponíveis em um campo particular. Ela envolve a busca sistemática, seleção e avaliação crítica de todos os estudos relevantes para responder a uma pergunta de pesquisa bem definida. A revisão sistemática ajuda a evitar erros sistemáticos e vieses na revisão da literatura, fornecendo uma estrutura metódica para identificar, avaliar

e sintetizar as evidências de maneira transparente (PETTICREW E ROBERTS, 2006).

Este tipo de estudo descreve minuciosamente os procedimentos de busca dos estudos originais, os critérios utilizados para a seleção daqueles que foram incluídos na revisão e os procedimentos empregados na síntese dos resultados obtidos pelos estudos revisados. As premissas da revisão sistemática são: a exaustão na busca dos estudos, a seleção justificada dos estudos por critérios de inclusão e exclusão explícitos e a avaliação da qualidade metodológica, bem como o uso e técnicas estatísticas para quantificar os resultados.

Buscamos compreender qual a relação deste período pandêmico, onde foi necessário manter-se em isolamento social, com o alto índice de divórcios registrados neste período. A pesquisa foi realizada utilizando as bases de dados online Scielo (Scientific Eletronic Library Online) e LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde), PePSIC (portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia, Pubmed e ScienceDirect.

Foram utilizados materiais publicados em língua portuguesa brasileira e língua inglesa entre 2020 a 2023, utilizando termos casamento, divórcio, isolamento social e pandemia para definirmos os artigos e selecionarmos os compatíveis para nossa pesquisa. Para os dados estatísticos sobre o índice de divórcio no Brasil foi utilizado a pesquisa realizada pelo IBGE instituição governamental brasileira responsável por coletar, analisar, e disseminar informações estatísticas e geográficas sobre o Brasil. nos anos de 2020 e 2021.

Tabela 1: combinação de descritores vs quantidade de artigos encontrado.

Descritores	Site da Pesquisa	Quantidade de artigos
Divórcio e isolamento social	Lilacs	1
Divórcio e pandemia	Lilacs	14
Casamento e isolamento social	Lilacs	9

Casamento e pandemia	Lilacs	10
Divórcio e pandemia	Scielo	1
Divórcio e pandemia	ScienceDirect	2

De acordo com a tabela 1 é possível demonstrar as combinações dos descritores usados para a busca nos artigos. No total foram 35 artigos no Lilacs, 1 artigo no Scielo e 1 artigo no ScienceDirect, esse número corresponde a data da nossa última pesquisa realizada 13/11/2023. Dos 37 artigos foram encontrados 10 foram selecionados para a leitura integral. Verificamos primeiramente os resumos para iniciar a filtragem dos artigos. Materiais onde o foco não era a conjugalidade, ou não abordavam a período pandêmico acompanhado das relações matrimônias foram descartados. Artigos onde apenas os resumos estavam disponíveis, e artigos que não eram possíveis traduzir do inglês para o português também foram anulados.

5 DISCUSSÃO

A fim de garantir maior profundidade e qualidade na discussão do assunto proposto, baseado no levantamento detalhado na metodologia, foi realizado uma categorização e agrupamento que sintetizam as ideias centrais acerca do tema deste trabalho. A divisão foi feita a partir das seguintes asserções: o isolamento social no contexto da conjugalidade; a relação entre a vulnerabilidade financeira e a qualidade da relação conjugal; vulnerabilidade das mulheres devido ao confinamento; a infidelidade devido a insatisfação com o parceiro.

5.1 Isolamento social no contexto da conjugalidade

Elucidando sobre os vínculos afetivos e as possíveis variáveis capazes de interferir na relação conjugal, Homem (2020) explica que o distanciamento social imposto durante a pandemia direcionou o olhar para dentro das relações conjugais, familiares e para si mesmo, nos fazendo tropeçar em conflitos explícitos e implícitos existentes no território de convivência cotidiana. A previsibilidade de rotinas estruturadas foi abalada pela hiper convivência, fazendo com que as pessoas olhassem de perto suas demandas conjugais, aspectos conscientes e inconscientes

das relações saltaram aos olhos, fazendo com que uma série de questionamentos fossem levantadas acerca do que mantém a união dos casais (HOMEM, 2020)

Enxergar verdades veladas do outro, da relação e sobre si ilumina um caminho de pactos não ditos dentro de um relacionamento, e pode revelar conflitos e comportamentos antes não observados com clareza em decorrência da vida cotidiana (HOMEM, 2020). Corroborando com as ideias apresentadas, Santos et. al. (2020), explicam que o isolamento social, principal medida de segurança adotada durante a pandemia, impactou diretamente o funcionamento da sociedade e do indivíduo, destacando fatores biopsicossociais e seus desdobramentos. A pandemia torna mais latente a fragilidade econômica e social, aspectos esses que afetam a saúde mental dos indivíduos que por consequência implica em alterações nos comportamentos conjugais (SANTOS et. al. 2020).

Ainda de acordo com os autores, a amplificação de questões emocionais que potencializam a vulnerabilidade das relações somados as demandas de um sistema capitalista, ressaltam sentimentos de solidão e tristeza, que podem desencadear frustração e tédio, culminando em complicações relacionais, bem como adoecimento mental. O momento sensível do enfreamento da pandemia, evidencia a necessidade de refazer e repensar a dinâmica do casal, recorrendo a novas possibilidades e recursos para reelaborar a rotina da relação, o que pode resultar em uma nova aproximação entre os envolvidos ou aumento da distância entre eles (SANTOS et. al. 2020).

Em concordância com as explanações apresentadas e destacando outra questão relevante, Stanley e Markman (2020) destacam o aumento de conflitos entre os casais em decorrência de estressores que já existiam antes da pandemia na relação, e que com o isolamento social foram potencializados, comprometendo a intimidade e sentimento de conexão do casal. Para abarcar os motivos dos prejuízos relacionais que alguns casais sofreram durante a pandemia, é preciso que se compreenda a dinâmica do casal e os recursos que eles dispõem na relação para o enfrentamento e manejo de estressores (SILVA et. al., 2020)

A saúde mental de cada um dos cônjuges é de muita importância para a qualidade da relação, e no contexto da pandemia tem destaque para a boa manutenção do casamento. Com o aumento de sintomas e quadros depressivos e de ansiedade, se torna comum a interpretação negativa de falas e comportamentos entre

companheiros, o que contribui para elevação dos níveis de sofrimento e consequentemente possíveis separações (SILVA et. al. 2020).

Ainda sobre aspectos pré-existentes na relação conjugal que foram potencialmente elevados em decorrência do período pandêmico, Silva et. al. (2020) destacam que os valores culturais e familiares que permeiam a relação podem impactar diretamente no funcionamento do casal, levando em consideração papéis de gênero que geralmente estabelecem a mulher como responsável pela parte afetiva em casa e o homem como provedor e autoridade, acentuando a inflexibilidade que prejudica a comunicação e intimidade do casal. Diante dessa ideia, é possível compreender que além do cenário social de pandemia e luto, o isolamento implica em conviver com o cônjuge de forma mais próxima e íntima, destacando aspectos que podem auxiliar na qualidade da relação ou potencializar conflitos e dificuldades relacionais.

5.2 A relação entre a vulnerabilidade financeira e a relação conjugal

Podemos analisar que a questão financeira, enquanto estressor e indicador de vulnerabilidade durante a pandemia, impacta diretamente na dinâmica relacional de pessoas casadas. Fleury e Abdo (2022) citam um estudo feito em casais norte-americanos que explica, em seus resultados, que dificuldades financeiras prenunciam a redução da satisfação conjugal, consequentemente contribuindo para o aumento do número de divórcios.

Foi possível notar o aumento do índice de estresse financeiro durante o período pandêmico, comprometendo a saúde mental e conjugal dos indivíduos. Isso reforça as teorias apresentadas anteriormente, de que os vínculos afetivos conjugais são moldados por pactos e expectativas individuais, mas também são atravessados pelo contexto social em que estão inseridos.

5.3 Vulnerabilidade das mulheres devido ao confinamento.

Essa hiper convivência relacionada aos estressores citados acima, levou também ao aumento no número de casos de violência doméstica. No Brasil, conforme indicam os relatórios do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020a, 2020b), que apontam um expressivo aumento nos índices de violência, inclusive letal. Essa convivência prolongada, muitas vezes em espaços habitacionais exíguos e desconfortáveis, tornou-se um facilitador para a violência contra a mulher. A misoginia estrutural, combinado com as angústias e medos ligados ao risco de morte própria e

dos entes queridos, criou uma atmosfera propícia para o aumento da violência doméstica (ONU Mulheres, 2020).

É importante compreender que a violência doméstica não é um problema isolado, mas sim um reflexo de um fenômeno sistêmico enraizado em estruturas patriarcais e sexistas presentes na sociedade. Estamos vivendo em uma sociedade capitalista que explora e desvaloriza as capacidades e tarefas exercidas pelas mulheres (OLIVEIRA et al., 2021).

Segundo OLIVEIRA et al., (2021) no contexto brasileiro, essa manifestação cultural é evidenciada por meio do uso de memes nas redes sociais, que, de forma humorística, abordam a depreciação da convivência conjugal durante o isolamento social pela pandemia. Esse material, embora muitas vezes apresentado de maneira aparentemente inofensiva, merece atenção como uma expressão cultural que pode refletir e perpetuar normas de gênero, contribuindo para o aumento da violência contra a mulher.

De acordo com Verde (2021), o isolamento social, gerou um aumento preocupante nos casos de violência doméstica. O estresse, o desemprego, a insegurança econômica e a interrupção das redes de apoio contribuíram para o aumento da violência física e sexual. Infelizmente, algumas mulheres não chegaram a ter a oportunidade de assinar seu divórcio conseguir e libertar-se das práticas abusivas de seus parceiros. Verde (2021) expõe que estudos indicam que, apenas nos meses de março e abril de 2020, houve um aumento de 5% nos casos de feminicídio em comparação com o mesmo período do ano anterior, totalizando 195 mortes.

Ainda abordando sobre a vulnerabilidade da mulher neste período de confinamento em decorrência ao Covid-19 que deveria ser um período de proteção e solidariedade, tornou-se um ambiente propício para a manifestação de relações abusivas. Gomes et al., (2021) discorre que o aumento dos casos de estupro marital durante a pandemia está intrinsecamente ligado a fatores socioeconômicos exacerbados pelo contexto de crise. O desemprego massivo e a instabilidade financeira contribuíram para a permanência prolongada do cônjuge no ambiente doméstico, intensificando as condições de vulnerabilidade.

Na análise da interação entre saúde mental e relações conjugais durante a pandemia Santos et al., (2020) revela um panorama desafiador. O estudo destaca que

a crise da COVID-19 intensificou a vulnerabilidade dos relacionamentos, refletindo-se no aumento de divórcios e na crescente adesão a aplicativos de relacionamento. A fluidez e comercialização das relações, já presentes na contemporaneidade, foram exacerbadas pelo isolamento social.

Podemos destacar a necessidade premente de reconfigurar a conjugalidade. No ponto de vista de Santos et al., (2020) isso envolve a revisão da rotina, dos interesses e a ênfase na comunicação eficaz como elemento essencial para enfrentar conflitos conjugais, e adverte sobre a armadilha da busca por soluções rápidas e do consumo de relações como resposta aos desafios emocionais. A pressão social por uma felicidade imediata e a ênfase no consumo podem intensificar conflitos, prejudicando uma abordagem mais reflexiva.

5.4 A infidelidade devido a insatisfação do parceiro.

Outro fator que colaborou ao rompimento dos casais, é a infidelidade entre os parceiros. Estudos indicaram que o estresse associado à pandemia poderia ter impactos significativos nos relacionamentos Gordon e Mitchell (2020) apresentam que o aumento no estresse está consistentemente ligado a quedas na satisfação sexual e no relacionamento. Essa insatisfação no relacionamento é um forte indicador de infidelidade, sendo a insatisfação uma razão comum para buscar um caso extraconjugal. A pandemia, ao aumentar o estresse nos relacionamentos, pôde contribuir para uma visão mais negativa do parceiro e da relação.

Embora o distanciamento social tenha reduzido as oportunidades de contato físico, o uso de aplicativos e sites virtuais para manter conexões extra diádicas aumentou significativamente. Para Gordon e Mitchell (2020) casos durante a pandemia podem acarretar consequências exacerbadas. A saúde mental já impactada pela pandemia pôde intensificar os sintomas de ansiedade e depressão após a revelação de uma traição. Além disso, as perdas financeiras, frequentes após casos de infidelidade, combinadas com os impactos econômicos da pandemia, aumentaram a insegurança financeira dos casais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo baseia-se numa análise aprofundada da dinâmica conjugal durante a pandemia para fornecer uma compreensão mais abrangente das complexidades e desafios que os casais enfrentam. Uma análise detalhada destas

alegações, abrangendo isolamento social, vulnerabilidade financeira, violência doméstica e infidelidade, ilumina aspectos-chave que moldam as relações conjugais neste contexto específico.

A imposição do isolamento social como medida de precaução para conter a propagação do vírus teve um impacto significativo na dinâmica das relações conjugais. A transição para o trabalho remoto para grande parte da população, redefiniu as fronteiras entre o profissional e o pessoal, proporcionando às famílias uma convivência mais próxima. Tal como discutido por Homem (2020), Penso e Sena (2020) e Lartigue (2020), este fenómeno não só aproxima os casais como também revela dinâmicas de relacionamento que antes podiam ter sido negligenciadas por falta de tempo.

Como discute Homem (2020), um exame mais detalhado das relações durante o isolamento social revelou conflitos anteriores subjacentes e levantou questões sobre os fundamentos que sustentam as alianças conjugais. A coexistência excessiva, como observam Santos et al. (2020), não só agrava os problemas emocionais, mas também suscita a necessidade de reconfigurar a motivação e encontrar novos recursos para enfrentar os desafios.

A relação intrínseca entre bem-estar psicológico e qualidade do relacionamento foi demonstrada por Silva et al. (2020) e desenvolvido por Stanley e Markman (2020), destacam a importância de uma abordagem holística na compreensão das dificuldades enfrentadas pelos casais durante a pandemia. Fleury e Abdo (2022) destacaram que a pressão financeira tornou-se um estressor significativo, afetando negativamente a satisfação conjugal e, em alguns casos, levando ao aumento dos divórcios.

A análise do aumento da violência doméstica, como abordado por diversos autores, incluindo Gomes et al. (2021) e Verde (2021), sublinha a necessidade crítica de abordar não apenas os sintomas, mas também as raízes sistêmicas desse fenómeno. A interseção entre sexismo estrutural, memes culturais e violência doméstica, conforme explorado por Oliveira et al. (2021), aponta para a complexidade do problema, ressaltando a importância de abordagens multidisciplinares.

A infidelidade, discutida por Gordon e Mitchell (2020), revelou-se como uma resposta às crescentes pressões e estresses vivenciados pelos casais. A intensificação do uso de aplicativos e sites virtuais para manter conexões extra

diádicas durante a pandemia destaca a adaptação das dinâmicas sociais à era digital, com implicações significativas na saúde mental e financeira dos casais.

Portanto, é possível compreender, através da pesquisa realizada, os impactos da pandemia da COVID-19 nos relacionamentos conjugais. Além da alteração das dinâmicas relacionais, a pesquisa evidencia a relação entre o aumento do índice de divórcio no Brasil e o isolamento social em decorrência do período pandêmico. Os dados levantados apontam para esses resultados e levam a questionamentos, proporcionando uma visão mais profunda de aspectos relacionais que anteriormente não eram observados.

Considera-se como contribuição importante para esta pesquisa a observação de questões como a violência doméstica, os divórcios, as relações matrimoniais em decorrência de uma situação pandêmica que alcançou a sociedade como um todo, as questões que demonstram o patriarcado encrustado nas relações conjugais e toda a dinâmica familiar que envolve o matrimônio. Diante do contexto, é fundamental reconhecer que as relações conjugais não são imunes às influências externas. Este estudo contribui para o entendimento mais profundo dos impactos da pandemia nas relações conjugais e aponta para a necessidade contínua de apoio e adaptação nas relações interpessoais em face de desafios globais.

Em síntese, a compreensão dessas complexidades é crucial para orientar saúde emocional dos casais em tempos de crise. A pesquisa não tem a intenção de esgotar as discussões acerca do assunto, mas suscitar que ainda se faz necessário levantar questionamentos a respeito dos casamentos a fim de possibilitar o desenvolvimento de políticas públicas com o foco em melhores condições sociais, bem como melhor posicionamento frente a situações de emergência, dando condições básicas de saúde e orientações responsáveis que contribuam para qualidade de vida e saúde mental impactando diretamente nas relações conjugais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, T. **O processo da escolha conjugal sob a perspectiva da psicanálise vincular**. Pensando Famílias, São Paulo, v. 18, n. 1, pg. 3-18, 2014.
- AMORIM, P.M e BELO, F.R.R **A monogamia na obra de Freud**. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Brasil. Cad. psicanal.vol.39no.36Rio de Janeirojan./jun.2017
- ARAÚJO, J. A. T. **Perda e separação: um estudo sobre os impactos do divórcio**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.
- ARAÚJO, M.F **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações**. Universidade Estadual Paulista (2001).
- BARASH, David P.; LIPTON, Judith Eve. **O Mito da Monogamia – Fidelidade e Infidelidade entre Pessoas e Animais**. Rio de Janeiro: Record, 2007, 322 p.
- BRUM, E. H. M., SCHERMANN, L. **Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco**. Ciência e Saúde Coletiva, v. 9, n. 2, pg. 457-467, 2004.
- CANCILLIER, D. R. V., WRONSKI, A. V. **A função do vínculo afetivo no desenvolvimento psicossocial da primeira infância: orientações aos profissionais dos serviços de acolhimento institucional**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade do Sul (UNISUL), Santa Catarina, 2020.
- CASADORE, M. M., HASHIMOTO, F. **Reflexões sobre o estabelecimento de vínculos afetivos interpessoais na atualidade**. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v.12, n. 1-2, pg. 177-204, 2012.
- Cordeiro, A. M., Oliveira, G. M., Rentería, J. M., & Guimarães, C. A. (2007). **Revisão sistemática: uma revisão narrativa**.
- FLEURY, H. J.; ABDO, C. H. N. **Estressores financeiros e o comprometimento da saúde mental e sexual**. Diagn Tratamento, São Paulo, v. 27, n. 2. pg. 44-47.

Gomes, N. P., Almeida, L. C. G., Campos, L. M., Santana, J. D., Jesus, R. B., Santos, J. M. S., & Mascarenhas, R. N. dos S. (2021). **Vulnerabilidade de mulheres ao estupro marital: reflexões a partir do contexto da pandemia da COVID-19**. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 20, eepub 15-Set-2021.

Gordon, K. C., & Mitchell, É. A. (2020). **Infidelidade na época do COVID-19**. *Revista Brasileira de Terapia Familiar*, 59(3, Edição Especial: COVID-19, Famílias e Terapia Familiar), 956-966. Setembro de 2020.

HOMEM, M. **Lupa da alma: quarentena revelação**. São Paulo: Todavia, 1ª edição, 2020.

KERBAUY, R.; BARTILOTTI, M. B.; SNEIDERMAN, S. **Reflexões sobre o impacto da pandemia de COVID 19 nas relações conjugais e familiares: contribuições da psicoterapia psicanalítica**. *Passages de Paris*, n. 19, 2020.

MATTOS, C. D. **A formação dos vínculos primários à luz da psicanálise freudiana**. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica) – PUC, São Paulo, 2016.

MOSMANN, C. et. al. **Qualidade conjugal: mapeando conceitos**. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, pg. 315-325, 2006.

Oliveira, Barcelos, Simões, Vaisberg. **Imaginário machista em tempos de Covid-19: Dormindo com a inimiga. Pesquisas e práticas psicossociais** vol.16 n.2 São João del-Rei jun. 2021

Petticrew, M., Roberts, H. **Revisões Sistemáticas em Ciências Sociais: Um Guia Prático**. Wiley-Blackwell, 2006.

PONTES, F. A. R. et. al. **Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana**. *Aletheia*, Canoas, n. 26, pg. 67-69, 2007.

ROLIM, K. I.; WENDLING, M. I. **A história de nós dois: reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade**. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, pg. 165-180, 2013.

SANTOS, S. A. *et. al.* **A relação entre a saúde mental e os laços conjugais em tempos de pandemia.** Mosaico: Estudos em Psicologia, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, pg. 4-12, 2020.

Santos, S. A., Santos, V. E. N., Thomaz, G. R. M., & Alves, E. S. (2020). **A relação entre a saúde mental e os laços conjugais em tempos de pandemia.** Estudos Teóricos/Ensaio, 8(1), 4-12.

Scorsolini-comin, F. **Escrevendo um artigo de revisão.** In: SCORSOLINI-COMIN, F. (Org.). **Guia de orientação para iniciação científica.** São Paulo: Atlas, 2014, p. 82-100.

SILVA, I. M. *et. al.* **As relações familiares diante da COVID 19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família.** Pensando Famílias, Porto Alegre, v. 24, n. 1, pg. 12-28, 2020.

SOUZA, J. B. F.; ALMEIDA, K. A. S. L.; GOMES, I.C. **Os desafios da conjugalidade na pandemia de COVID 19.** Revista Pesquisa Qualitativa, São Paulo, v. 10, n. 23, pg. 95-114, 2022.

STANLEY, S.M.; MARKMAN, H.J. **Helping couples in the shadow of COVID 19.** Family Process, Denver, v.59, n.3, pg. 937-955, 2020.

VERDE, Rosina Veloso Cardoso Lima. **O aumento do número de casos de violência doméstica e a consequência do feminicídio no Brasil durante a pandemia do covid-19** Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 22 nov 2021

ZORDAN, E. P. **A separação conjugal na contemporaneidade: motivos, circunstâncias e contextos.** Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.